

Fenomenologia e Psicoterapia Humanista

Loivo José Mallmann¹
Nádia Luzia Balestrin²

Resumo: *Este artigo pretende discutir a importância da fenomenologia para a psicologia. Seu objetivo é fazer uma breve análise da fenomenologia e sua relação com a psicologia. Queremos também destacar a influência do método fenomenológico nas psicoterapias, principalmente na Gestalt-terapia e na psicologia existencial humanista norte americana.*

Palavras-chave: *fenomenologia; psicoterapia humanista-fenomenológica; Gestalt-terapia; psicoterapia existencial humanista norte americana.*

1. Introdução

O presente artigo discute o tema da fenomenologia e sua relação com a psicoterapia humanista, procurando encontrar pontos de influência da primeira sobre algumas práticas psicológicas.

O texto está dividido em duas partes. A primeira trata da relação entre fenomenologia (centrada na contribuição de Edmund Husserl) e a psicologia. A segunda parte do artigo trata de psicoterapias de inspiração fenomenológica.

Inicia-se a discussão do tema com um breve histórico da fenomenologia e de suas características principais. Em seguida aborda-se o tema da relação da fenomenologia e da psicologia e,

¹ Mestre em Teologia Moral pela Universidad Pontificia Comillas (Madri). Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor de Filosofia e Bioética da Unibrasil (Curitiba-PR).

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Coordenação de Dinâmica de Grupos pela Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupos (SBDG). Professora de Fundamentos de Ciências Sociais da Unibrasil (Curitiba-PR).

por fim, aspectos pertinentes da psicologia fenomenológica humanista.

As psicoterapias de inspiração humanista são trabalhadas na segunda parte do artigo. Discute-se a definição de psicoterapia, a Gestalt-terapia e sua relação com a fenomenologia e a psicologia existencial humanista norte-americana.

2. Fenomenologia e psicologia

2.1. Fenomenologia

O método fenomenológico nasceu a partir dos trabalhos desenvolvidos por Franz Brentano (1838-1917) e depois aprofundado por Edmundo Husserl (1859-1938), como tentativa de superar a dicotomia sujeito e objeto presente nas teorias do conhecimento desenvolvidas a partir do Renascimento.

Os embates da ciência positivista e da filosofia são o pano de fundo do desenvolvimento da fenomenologia. Este conflito foi assim descrito por Amatuzzi (2009, p. 94):

De um lado, a ciência positivista, baseada em fatos, mensurações e verificações. Como resultados concretos já apareciam as fabulosas máquinas inventadas pela tecnologia: a vida humana do dia-a-dia havia mudado bastante e haveria de mudar ainda; o progresso científico impressionava a todos. De outro lado, a filosofia. Aqui as coisas eram mais caóticas. Cada cabeça, uma sentença; cada filósofo, uma proposta. Além disso, havia a dificuldade de se encontrar um "juiz" ou um critério objetivo que permitisse discernir o que era válido e o que não era. Como consequência, uma espécie de ceticismo generalizado: o sentimento de que não há possibilidade de se chegar a uma verdade; o máximo que se pode fazer é comentar criticamente o que os outros disseram. Até hoje, nos meios filosóficos, as dissertações e teses defendidas são, na maioria das vezes, estudos históricos:

o que pensou um determinado autor sobre tal ou tal assunto.

Para Husserl as ciências ficavam circunscritas ao âmbito do que era permitido por seus métodos. O sentido e o significado do mundo não eram abordados pelo método científico e isto era uma lacuna para o filósofo. Considerava a necessidade de encontrar um caminho para desvendar este sentido esquecido que resgatasse a experiência comum.

A intenção de Husserl é voltar às coisas mesmas, deixando de lado os juízos de realidade ou de valor feitos sobre as coisas e acontecimentos. Este processo é definido da seguinte forma (Dartigues, 2005, p. 20):

Sem dúvida, há uma essência de cada objeto que percebemos: árvore, mesa, casa etc., e das qualidades que atribuímos a estes objetos: verde, rugoso, confortável etc., mas e a essência não é a coisa ou a qualidade, se ela é somente o ser da coisa ou da qualidade, isto é, um puro possível para cuja definição a existência não entra em conta, poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir; isto é, tantas quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento podem se dar.

Outro elemento central da fenomenologia de Husserl é o conceito de intencionalidade. Segundo este princípio a consciência é sempre “consciência de alguma coisa”. Não existe, portanto, a consciência como uma realidade no interior do indivíduo que observa e descreve a realidade exterior. A consciência se constitui enquanto relação, enquanto dirigida a um objeto. Este, por sua vez, só pode ser definido em sua relação com a consciência e será sempre *objeto-para-um-sujeito* (Dartigues, 2005, p. 22).

O objeto não poderá assim ser pensado em si mesmo, mas será sempre um objeto percebido e pensado por uma

consciência. Esta análise intencional pode ser assim descrita (Dartigues, 2005, p. 23):

A análise intencional vai nos obrigar assim a conceber a relação entre consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir dessa correlação que lhes é, de alguma maneira, co-original. Se a consciência é sempre “objeto para a consciência”, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto.

A análise intencional vai levar ao que Husserl chama de “redução fenomenológica”. Esta pode ser definida como (Morujão, 1990, p. 623, citado por Holanda, 2003, p. 48):

O conjunto de processos metódicos tendentes a elevar o sujeito da atitude natural ao plano em que se situa a investigação fenomenológica e consiste, resumidamente, em pôr entre parênteses ou suspender – daí também sua designação de *epoché* – todos os dados, convenções, etc., a que se referem os atos, para volver a atos mesmos. A redução fenomenológica engloba uma *redução eidética* e a *redução transcendental*. Na primeira, passa-se, mercê de uma técnica de variações livres das notas caracterizadoras, dos processos individuais à essência desses mesmos processos. Na segunda, põe-se fundamentalmente entre parênteses a crença na existência das coisas, do mundo natural e todos os domínios que lhe estão ligados.

A fenomenologia faz uma crítica do processo de conhecimento e não abandona a experiência e a intuição como elementos centrais da sua análise. Para Husserl o conhecimento dos fatos é o trabalho da psicologia empírica e a reflexão sobre a

“significação dos conceitos psicológicos é a tarefa da fenomenologia ou psicologia eidética e o cerne de seu método é a redução fenomenológica” (Husserl, 1976, p. 265).

2.2. Abordagem fenomenológica e psicologia

A fenomenologia ao estudar a imaginação, a percepção, a relação entre as pessoas e os objetos analisa temas que também pertencem ao campo psicológico. A psicologia clássica reflete a relação do homem com o mundo de forma dualista, separando sujeito e objeto. A fenomenologia, por sua vez, aborda a natureza da relação entre homem e mundo. Para a psicologia de orientação fenomenológica o fenômeno é analisado da seguinte forma (Montemayor, 2007, p. 3):

O fenômeno não ocorre na interioridade mesma do sujeito, mas na relação entre sujeito e mundo: na experiência vivida pelo sujeito e o significado desta em um momento determinado. Não é, como pensa o psicólogo objetivista, que o vivido pela consciência constitua por si só um saber da consciência.

Para aprofundar este utiliza-se os escritos de Edmund Husserl (1859-1938) sobre fenomenologia e psicologia e os comentários de Merleau-Ponty (1908-1961). As obras de Husserl mais apropriadas para tratar do tema segundo Raffaelli (2004) são: *Idéias relativas a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* e *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*.

Em primeiro lugar é importante apresentar a compreensão que Husserl tinha da psicologia enquanto ciência. No seu entendimento há um paralelismo entre psicologia e fenomenologia que justifica suas críticas a uma psicologia puramente reflexiva ou filosófica. Para ele a psicologia é uma ciência empírica e tem seu fundamento na experiência. Husserl também não advogava uma identidade entre psicologia e

fenomenologia e afirmava que a “fenomenologia pura (...) não é psicologia” (Husserl, 1986, p. 8).

A palavra experiência, enquanto elemento central da psicologia segundo Husserl significa que a psicologia é uma ciência dos fatos e é também uma ciência de realidades. A fenomenologia psicológica trata os fenômenos como fatos reais de sujeitos reais (Husserl, 1986, p. 10).

Uma das escolas psicológicas que mais aproximou-se das ideais propostos por Husserl foi a Gestalt. Esta escola considera os fenômenos psicológicos como um conjunto autônomo e articulado internamente. A Gestalt tinha como foco o estudo experimental da percepção e buscava relacionar a experimentação com a interpretação fenomenológica (Dartigues, 1981, pp. 48-49).

A psicologia fenomenológica constitui-se na exploração da consciência imediata e experiência concreta. Por isso a psicologia fenomenológica é descritiva, eidética, empírica, além de ser intencional e transcendental. Este novo olhar sobre os fenômenos psicológicos é assim descrito (Bruns, 2003, p. 69):

A fenomenologia possibilitou à Psicologia uma nova postura para inquirir os fenômenos psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e significados que o sujeito lhes atribui, ou seja, o de não priorizar o objeto e/ou sujeito, mas centrar-se na relação sujeito-objeto-mundo.

No campo da psicologia a inspiração e o uso do método fenomenológico se manifesta na chamada psicologia humanista, que será abordada em seguida.

2.3. Psicologia fenomenológica humanista

A Psicologia Humanista (conhecida como terceira via da psicologia) surgiu em meados do século XX e tinha como objetivo “combater o suposto intelectualismo da psicanálise e o mecanicismo do behaviorismo, postulando uma visão globalizante do ser humano, que enfatizava a vivência das emoções” (Moreira, 2009, p.27).

Carl Rogers, com sua terapia centrada na pessoa foi um dos grandes colaboradores do movimento humanista. A psicologia humanista teve influência de psicólogos e teóricos de diversas áreas, inclusive das teorias de discípulos dissidentes de Freud, como Adler, Jung, Otto, Rank, Reich e Ferenczi. Teve ainda contribuição da Psicologia da Gestalt alemã e das psicologias Existenciais e da Fenomenologia (Moreira, 2009).

Segundo Amatuzzi (2009) a psicologia humanista apresenta dois grandes pressupostos teóricos: o determinista e o da autonomia. No primeiro caso o ser humano é visto como um mecanismo cujo comportamento tem uma causa determinante. Estas causas podem ser internas ou externas (estímulos do ambiente físico ou social). O psicólogo tem um olhar analítico da situação para chegar a um diagnóstico para depois propor uma estratégia de intervenção.

No pressuposto da autonomia a pessoa é vista como um ser desafiado pela vida e chamado a responder criativamente (Merleau-Ponty, 1996; Frankl, 1989). Existe a suposição de que a pessoa tem algum tipo de poder sobre o que está acontecendo com ela e, a partir do diálogo é possível liberar estas forças do sujeito. Há uma aposta na autonomia crescente da pessoa, capaz de orientar de forma positiva a sua vida.

As práticas psicológicas da linha humanista são definidas da seguinte forma (Amatuzzi, 2009, p. 98-99).

Nessa perspectiva, o atendimento não se baseia em um diagnóstico, mas na afirmação de uma tendência inata e criativa ao crescimento, e não é concebido como uma

intervenção direcionada a efeitos específicos, mas sim como uma relação libertadora dessa tendência na pessoa. A qualidade dessa relação adquire importância capital, pois é a partir dela que a capacidade de ver claramente e de orientar a própria conduta por parte da pessoa que se relaciona com o psicólogo vai se estabelecendo. A palavra “diagnóstico” ainda pode ser útil, mas agora com uma compreensão abrangente, que se constrói juntamente com o cliente e a serviço dele, ao longo do atendimento, e que inclui uma visão de seu modo de ser, da natureza da situação e também dos rumos que poderiam dar um sentido positivo à dinâmica da vida.

3. Psicoterapias de inspiração fenomenológica

3.1. Psicoterapia – uma definição

A psicoterapia constitui-se em diversas técnicas utilizadas na psicologia para o tratamento psíquico. Segundo Scarpato (2009) é um recurso que produz bons resultados no atendimento a problemas relacionados ao sofrimento humano, sejam “crises pessoais, conflitos familiares e conjugais, transtornos psicopatológicos, distúrbios psicossomáticos, crises existenciais e problemas nas transições entre as fases da vida”. Pode ser também uma propulsora do crescimento pessoal e da compreensão e mudança dos padrões de vínculo causadores de muito sofrimento e doenças e educar para a vida.

Segundo Quayle (2007) a psicoterapia se constitui atividade tradicional do psicólogo clínico, num campo multifacetado em virtude da diversidade de teorias, métodos, técnicas e abordagens, que ficam a critério da escolha e opção do psicoterapeuta.

A busca pela psicoterapia geralmente se dá com o intuito de transformar a vida, aliviar uma dor, conhecer-se melhor, etc.

Para Scarpato (2010) os resultados apresentam-se promissores em diversas situações, tais como:

- tratamento de transtornos psicológicos como transtorno do pânico, fobias, transtorno dissociativo, depressão, anorexia, estresse pós traumático etc.
- tratamento de transtornos de personalidade como transtorno borderline, transtorno esquizóide, transtorno paranóide, etc
- trabalho sobre conflitos pessoais, conjugais, familiares, interpessoais e grupais que podem produzir ou contribuir para o sofrimento psicológico.
- elaboração de crises existenciais, de transições difíceis (luto, crises profissionais, etc) e dificuldades nas mudanças de fases de vida (puberdade, adolescência, vida adulta, menopausa, envelhecimento, etc.)

Na psicoterapia existe a possibilidade do indivíduo esclarecer e transformar suas dificuldades vinculares criadas ao longo de sua existência – da primeira infância à terceira idade – que podem afetar seu desenvolvimento emocional e psíquico e comprometer seu bem estar e sua realização pessoal.

A psicoterapia tem sua credibilidade comprovada por pesquisas que confirmam sua eficácia. As recentes tecnologias de mapeamento cerebral mostram que o tratamento psicológico age transformando o funcionamento cerebral. Isso pode ser afirmado principalmente pelos novos conhecimentos das neurociências. Segundo Scarpato (2010) alguns motivos pelos quais a psicoterapia funciona são:

- Ao *dividir* um problema você passa a ter "meio" problema.
- Os vínculos de ajuda têm um *poder curativo*. É mais fácil superar as dores através de uma relação autêntica de respeito mútuo do que sozinho.
- O psicólogo clínico (psicoterapeuta) é *um outro*, com o olhar e a perspectiva de um outro, o que lhe ajudará ver a sua vida de um modo diferente, lhe fazer perguntas diferentes, ajudá-

lo a perceber as coisas de um ângulo que você não tinha visto antes e nem suspeitava ser possível.

- O psicoterapeuta conhece *teorias psicológicas* que ajudam na compreensão do que ocorre e apontar **o que** olhar, **como** olhar e **o que fazer** com o que se descobre, para que estas descobertas possam ser construtivas em sua vida.

- O psicoterapeuta domina *técnicas terapêuticas* que ajudam a realizar mudanças psicológicas profundas.

São várias as teorias e métodos utilizados na psicoterapia. Estes foram desenvolvendo-se no decorrer do tempo com o processo de formação e consolidação da psicologia. Dentre estas teorias e abordagens pode-se destacar a Psicanálise, a Terapia Cognitivo-Comportamental, o Behaviorismo, a Gestaltoterapia, a Psicoterapia Analítica, Psicoterapia Familiar, Psicoterapia Corporal, Psicoterapia Positiva, Logoterapia e o Psicodrama.

Segundo Scarpato (2009) o processo terapêutico pode ser comparado à “travessia de um túnel”. Nesta travessia haverá a possibilidade de reconhecimento dos padrões de comportamento que levam o indivíduo a agir como age. E neste processo de reconhecimento de “como age, como se relaciona, como pensa, como sente” poderá encontrar respostas que permitam a mudança, a transformação dos padrões estabelecidos ao longo das relações vinculares de sua vida.

3.2. Gestalt-terapia e fenomenologia

Segundo Sampaio (2004, p. 52) a Gestalt-terapia pode ser considerada uma aplicação da fenomenologia. A Gestalt-terapia surgiu nos Estados Unidos depois da 2ª guerra mundial, sob influência de Fritz Perls e chega no Brasil na década de 1970. É uma terapia que tem como objetivo possibilitar que o cliente encontre formas mais satisfatórias, mais saudáveis de estar no mundo por meio do aumento da capacidade de estar *aware*. *Awareness* é um dos principais conceitos da Gestalt-

terapia. É diferente do conceito tradicional de consciência não limitando-se ao conhecimento de âmbito racional mais incluindo também a dimensão corporal e sensorial.

Awareness se refere à capacidade de aperceber-se do que se passa dentro de si e fora de si no momento presente, tanto a nível corporal, quanto a nível mental e emocional. É a possibilidade de perceber simultaneamente o meio externo e interno através de recursos perceptivos e emocionais (Frazão, 1997, p. 65, citado por Sampaio, 2004).

Para a Gestalt-terapia o homem é um ser no mundo que age ativamente, transformando-o e recebendo influência dele numa relação recíproca.

O homem dá significado ao mundo por meio de sua consciência intencional. Ele é sempre parte de um contexto. (...) A teoria de Kurt Lewin foi uma grande influência para a Gestalt-terapia por conter a noção de um campo com diversas forças atuando simultaneamente (Sampaio, 2004, p. 52).

Na prática clínica aplica-se o olhar para o homem como um todo. Não só o que é dito em terapia serve como material, mas todas as informações: o discurso, os gestos, os olhares, a respiração. Tudo isto pode ser visto como instrumentos de avaliação.

A Gestalt-terapia propõe que, em vez de explicar o comportamento do cliente, o terapeuta pode ajudá-lo a compreender o que o impede de alcançar o que almeja e voltar a ter uma vida satisfatória. (...) Não há uma tentativa de encaixar a fala de um cliente em uma teoria; o terapeuta vai trabalhar com a vivência do cliente naquele momento, considerando que cada vivência é única. Esta estratégia visa a evitar a substituição da

experiência pela explicação da experiência (Sampaio, 2004, p. 52).

Assim, o Gestalt-terapeuta, cria condições para que o próprio paciente possa atribuir um significado a ele, sendo que o mesmo será um dentre muitos outros. O significado vem da experiência e não do terapeuta. A consciência de si mesmo que o paciente tem e de sua relação com o contexto permite-lhe fazer escolhas satisfatórias. Isto é definido como autorregulação. “Nesse movimento de autorregulação, é preciso que a pessoa perceba entre as diversas forças atuando em seu campo, suas necessidades predominantes” (Sampaio, 2004, p. 53).

Neste contexto o papel do psicólogo é:

(...) facilitar o processo de contato do cliente com suas experiências (...). O terapeuta não pode forçar que o cliente perceba algo que ele não está percebendo, porque assim estaria indo além de suas possibilidades, nem deixar de intervir em momentos em que o cliente esteja apto para lidar com a situação, senão não existe mudança (Sampaio, 2004, p. 54).

No processo terapêutico mesmo sendo o paciente o condutor, o terapeuta sempre vai estar presente como uma parte do fundo da relação terapêutica, em que o paciente representa sua figura.

3.3. Psicoterapia existencial humanista norte americana

A psicoterapia existencial nos Estados Unidos foi iniciada em 1958. Dentre seus protagonistas destacam-se Carl Rogers e A. Maslow. Esta corrente psicológica põe acento no mundo das experiências subjetivas individuais. Teixeira (2006, p. 300) enumera alguns aspectos essenciais desta modalidade de psicoterapia.

- A consciência da realidade da existência é que conduz à ansiedade;
- A finalidade principal da intervenção terapêutica é ajudar o cliente a identificar e superar suas resistências ou modos de evitamento da ansiedade existencial;
- O confronto com a existência implica a tomada de consciência do mundo próprio da experiência subjetiva;
- A autenticidade existencial define-se na relação consigo próprio, mas também com as relações interpessoais;
- A experiência de confronto com os dados da existência é fonte da ansiedade.

As principais críticas à psicoterapia existencial humanista norte americana relacionam-se à sua dependência dos processos inconscientes (resistências) com o seu foco principal na experiência subjetiva individual em detrimento da intersubjetiva e excessiva importância dada a autenticidade (Teixeira, 2006).

3. Considerações finais

O presente artigo buscou tecer a relação entre o método fenomenológico de Edmundo Husserl e a psicologia, de um modo especial com as psicoterapias de inspiração humanista.

A fenomenologia de Husserl critica o modo como as ciências percebiam a relação sujeito – objeto. Para ele a consciência não é uma instância separada e autônoma. Ela se constitui na relação sujeito – objeto, enquanto portadora de intencionalidade que busca a essência das coisas.

Husserl criticava uma psicologia puramente reflexiva ou filosófica e buscava mostrar a importância da experiência como fundamento do sentido. Assim a fenomenologia psicológica trata os fenômenos e os sujeitos como fatos.

A psicologia humanista vai se desenvolver mais intensamente na segunda metade do século XX e defende uma

visão mais ampla do ser humano. Ela critica as posturas mecanicistas da psicologia behaviorista e da psicanálise. A psicologia humanista trabalha com a ideia da autonomia do sujeito, capaz de superar os condicionamentos e responder de forma criativa aos desafios da existência.

A psicoterapia, tema desenvolvido no artigo, é uma atividade tradicional na psicologia e abrange uma variedade de teorias, métodos, técnicas e abordagens. Neste estudo procurou-se fazer uma breve introdução do tema para depois escolher duas formas de psicoterapia que utilizam o método fenomenológico nas suas abordagens.

A Gestalt-terapia foi uma das duas teorias psicológicas que analisamos no artigo. Esta teoria entende que o homem age ativamente no mundo, transformando-o e recebendo influência do mesmo. Na Gestalt-terapia o homem dá significado ao mundo através de sua consciência intencional.

Por último analisou-se brevemente a psicoterapia existencial nos Estados Unidos, desenvolvida principalmente por Carl Rogers e A. Maslow a partir de 1958. Nesta psicoterapia o terapeuta ajuda o paciente a identificar e superar aquilo que atrapalha o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Neste confrontar-se consigo mesmo o indivíduo toma consciência de sua experiência subjetiva e procura viver de forma autêntica consigo mesmo e com os outros.

Espera-se que este breve artigo tenha contribuído na compreensão da rica relação entre fenomenologia e psicologia. Muitas questões surgiram na elaboração do mesmo. Pretende-se continuar a análise sobre o tema e encontrar novas respostas para estes questionamentos, em outro momento.

Referências

Amatuzzi, M. M.(2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2009, vol.26, n.1, pp. 93-100. ISSN 0103-166X. doi:

10.1590/S0103-166X2009000100010. Recuperado em 19 de julho de 2011, em <http://www.scielo.br>.

Bruns, M.A.T. & Holanda, A.F. (Orgs.).(2003). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Editora Alínea.

Dartigues, A. (1981). *La fenomenología*. Barcelona: Herder.

Dartigues, A. (2005). *O que é fenomenologia?* (9 ed.) São Paulo: Centauro.

Frankl, V. (1989). *Um sentido para a vida*. Aparecida: Ed. Santuário.

Frazão, L. M. (1997) Funcionamento saudável e não saudável enquanto fenômenos interativos. *Revista do III Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica*: 64-71.

Husserl, E. (1976). *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*. Paris: Gallimard. (Texto original redigido em 1935 e publicado em 1954).

Husserl, E. (1986). *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*. México: Fondo de Cultura Económica. (Texto original publicado em 1913) .

Merleau-Ponty, M. (1996). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945).

Moreira, V. (2009) *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.

Morujão, A. F. (1990). *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo.

Raffaelli, R. (2004). Husserl e a psicologia. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2004, vol.9, n.2 [cited 2009-12-06], pp. 211-215, doi: 10.1590/S1413-294X2004000200002. Recuperado em 20 de julho de 2011, em <http://www.scielo.br>.

Sampaio. M. M. A. (2004). Neutralidade na relação terapêutica - reflexões a partir da abordagem gestáltica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n. 1, p. 49-56, 2004. Recuperado em 21 de julho de 2011, em <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/> 49.

Scarpato, Artur (2010). Uma Introdução à Psicoterapia. Recuperado em 20 de julho de 2011, em www.psicoterapia.psc.br/scarpatopsicoter.html.

Teixeira, José A. Carvalho (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Aná. Psicológica*. [online]. jul. 2006, vol.24, no.3. Doi 82312006000300003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0870-8231. Recuperado em 20 de julho 2011, em <http://www.scielo>.

Trevino Montemayor, R. ((2007). Actualidad de la fenomenología en psicología. *Diversitas*. [online]. dez. 2007, vol.3, no.2 Recuperado em 19 de julho de 2011, em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>.